

Adoção de pessoa com deficiência sob a ótica de pais adotivos**Adoption of a person with a disability from the perspective of adoptive parents****Adopción de una persona con discapacidad desde la perspectiva de padres adoptivos**

 Alinne Ferreira da Silva¹,  Paula Orchiucci Miura²

Recebido: 19/09/2022 **Aceito:** 22/02/2023 **Publicado:** 27/03/2023

Objetivo: compreender o processo de adoção de uma criança com deficiência sob a perspectiva dos pais adotivos. **Método:** pesquisa de campo, qualitativa, descritiva e exploratória, realizada em setembro de 2019, que utilizou como método o estudo de caso. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pai e mãe adotivos. A interpretação dos dados se deu por análise de conteúdo. **Resultados:** construí-se as seguintes categorias: analítica: a “*experiências de pais adotivos*”, e as empíricas/temáticas: “*Processo de adoção*”, “*A história pregressa de Emanuel e a chegada no novo ambiente*”, e “*A experiência de ser pai/mãe de uma criança com deficiência*”. A história da criança se mostrou com questões particulares, mediante a experiência de violência, em âmbito doméstico, anterior a chegada ao lar substituto. Os participantes mostraram-se disponíveis emocionalmente ao processo de adoção, conseguindo se adaptar as necessidades do filho. **Conclusão:** refletir sobre a dinâmica familiar e auxílio aos pais, no ato de cuidar é de extrema relevância considerando que um ambiente criativo em afeto e cuidado é um potente espaço para a constituição parento-filial.

Descritores: Família; Rede de cuidados à pessoa com deficiência; Adoção.

Objective: to understand the process of adopting a child with a disability from the perspective of adoptive parents. **Methods:** qualitative, descriptive and exploratory field research, carried out in September 2019, which used the case study method. Semi-structured interviews were conducted with the adoptive father and mother. Data interpretation was performed by content analysis. **Results:** the following categories were constructed: analytical: “*Experiences of adoptive parents*”, and empirical/thematic: “*Adoption process*”, “*Emanuel's previous history and arrival in the new environment*”, and “*The experience of being a parent of a child with a disability*”. The child's story showed particular issues, through the experience of domestic violence, prior to arriving at the substitute home. The participants were emotionally available to the adoption process, managing to adapt to the child's needs. **Conclusion:** reflecting on family dynamics and helping parents in the act of caring is extremely important considering that a creative environment in affection and care is a powerful space for parent-child constitution.

Descriptors: Family; Care network for disable people; Adoption.

Objetivo: comprender el proceso de adopción de un niño con discapacidad desde la perspectiva de los padres adoptivos. **Método:** investigación de campo, cualitativa, descriptiva y exploratoria, realizada en septiembre de 2019, que utilizó el método de estudio de caso. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con el padre y la madre adoptivos. La interpretación de los datos se realizó mediante análisis de contenido. **Resultados:** se construyeron las siguientes categorías: analítica: las “*experiencias de los padres adoptivos*”, y las empíricas/temáticas: “*Proceso de adopción*”, “*Historia pasada de Emanuel y la llegada al nuevo entorno*”, y “*La experiencia de ser padre de un niño con discapacidad*”. La historia del niño mostró problemas particulares, a través de la experiencia de violencia, en el ambiente doméstico, antes de la llegada al hogar sustituto. Los participantes se mostraron emocionalmente disponibles al proceso de adopción, siendo capaces de adaptarse a las necesidades del niño. **Conclusión:** Reflexionar sobre la dinámica familiar y ayudar a los padres en el acto de cuidar es extremadamente relevante, considerando que un ambiente creativo en el afecto y el cuidado es un espacio poderoso para la constitución del binomio padres-hijos.

Descriptores: Familia; Red de cuidados de la persona con discapacidad; Adopción.

Autor Correspondente: Alinne Ferreira da Silva – alinnepsic1@gmail.com

1. Psicóloga. Arapiraca/AL, Brasil.

2. Psicóloga. Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, Maceió/AL, Brasil.

INTRODUÇÃO

A adoção, em âmbito nacional, perpassa por um processo de institucionalização jurídica, por meio da seguridade de direitos sociais, que a instrumentaliza e visa distanciá-la de modos assistencialistas religiosos encontrados em seu desenvolvimento histórico. A prática realizou um percurso extenso e se faz presente desde a época da colonização e esteve relacionada a caridade, de acordo com o que a igreja pregava, em que lares ricos prestavam assistência aos considerados “mais necessitados”. Assim como, era realizada de modo não formalizado, juridicamente, com vistas a ter-se mão de obra gratuita aos senhores e senhoras abastados¹.

A herança cultural contribui significativamente para que até os dias atuais essa forma de filiação esteja carregada por mitos e preconceitos, como: Adotar *à brasileira* - prática ilegal de registrar como filho próprio uma criança nascida de outra pessoa, sem respeitar trâmites jurídicos – que até os anos de 1980 (do século XX) constituía cerca de 90% das adoções realizadas, no país. Buscando-se por esse meio, dentre outras razões, esconder a adoção como se essa fosse motivo de vergonha e/ou humilhação².

Mediante a Lei 8.069 de 1990, no Brasil, a criança passa a ser compreendida como sujeito de direitos e tem o princípio de proteção integral, sob responsabilidade da sociedade e do Estado como pilar para seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, a adoção é reconhecida como medida excepcional para situações, na qual, o infante não possa permanecer em convívio com a família de origem, passando a conviver em família substituta. O direito à adoção e a um lar que possibilite o desenvolvimento pleno às crianças é uma medida menos prejudicial quando comparada a abrigos e/ou lares temporários, considerando que as instituições de acolhimento além de possuírem dinâmicas institucionais coletivas aos grupos de crianças e/ou adolescentes, normalmente têm um quantitativo de cuidadores reduzido quando comparado ao número de institucionalizados, dificultando, desse modo, o cuidado singular que a educação e desenvolvimento infantil requerem³.

Os obstáculos que envolvem a criança/adolescente em situação de distanciamento do lar natural são multifatoriais. Portanto, pensar sobre adoção é compreender que a criança que chega está envolta a aspectos históricos, sociais e culturais, principalmente quando o perfil da criança incorre em particularidades de uma deficiência física. O abandono de crianças com deficiência não se difere em motivos das demais crianças abandonadas e um fator comum é encontrado: cenários de carência e pobreza. Entretanto, nos casos que envolvem deficiência a escassez de conhecimento sobre tal condição que os filhos estão acometidos e os preconceitos, reproduzidos socialmente, motivam o abandono e/ou negligência, a esse público, assim como

a disponibilidade de pretendentes à adoção, posto o preconceito implicar no receio de como cuidar, como dar conta e/ou como encarar a sociedade que julga⁴.

O preconceito e dificuldades socialmente impostas a pessoas com deficiências não impactam apenas a família natural e a criança/adolescente, mas também aos futuros pretendentes de adoção. A aceitação verbal, dos pretendentes, para crianças com deficiência física é maior, mas, em números, a disponibilidade de crianças com deficiência é superior, o que pode significar que essas passam maior tempo na fila de espera e vivenciam maior dificuldade para serem inseridas em famílias substitutas⁴.

O percurso social enfrentado por pessoas com deficiência (PD) também perpassa construções e desconstruções ao longo do desenvolvimento sociocultural. Em âmbito nacional, foi apenas em 2015 que se criou uma lei que assegura direitos a esse público. No entanto, a inclusão e a acessibilidade ainda são distantes do ideal proposto pela normativa, posto que, ainda que a história brasileira seja marcada por desigualdades sociais, econômicas, culturais, o preconceito e intolerância com a diferença é a principal barreira a ser desconstruída para aplicação do que as leis propõem⁵.

“Ser deficiente” está intrínseco a experiência de todos implicados no processo de adoção, desde a pretensão ao convívio familiar. Entretanto, é por meio da vivência que se torna possível ter acesso aos cuidados que são necessários para com o filho adotivo. Nesse sentido, a condição corporal não implica em diferença de cuidados entre criança com ou sem deficiência. Reflexão que oportuniza um repensar sobre o cuidado da pessoa com deficiência e a naturalização do biológico como barreiras, pois, a deficiência tem contatos afetivos (olhares, toques, carinhos, sorrisos e outras experiências) marcados pela reciprocidade, como em qualquer relação humana entre quem oferta cuidado e quem o recebe⁶.

Somadas as circunstâncias sociais e históricas, demonstra-se a relevância de produções acadêmicas que estudem experiências de adoção de pessoas com deficiência, com vistas a instrumentalizar a prática dos envolvidos no processo de adoção, assim como problematizar a realidade cultural e histórica a que o tema está imerso. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo compreender o processo de adoção de uma criança com deficiência sob a perspectiva dos pais adotivos.

MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa que, em si, auxilia na produção de conhecimento científico junto aos participantes (implicados em seu contexto social, cultural e histórico) de modo a exigir do pesquisador a utilização de métodos que se aproximem da realidade de cada

sujeito⁷. Com cunho descritivo e exploratório, visou-se descrever os casos a partir da fala dos próprios entrevistado de acordo com as experiências de vida de cada participante.

Utilizou-se como método o Estudo de Caso para viabilizar a compreensão dos dados complexos e implicados numa realidade singular⁸. Esse método foi escolhido pois dispõe da particularidade de possibilitar a análise de elementos específicos do que se estuda, mediante compreensão mais ampla do fenômeno e criticidade das generalizações amplamente difundidas sobre o tema estudado⁷.

O acesso aos participantes se deu por meio de indicação da equipe multiprofissional da Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Estado ao qual residissem e perpassou o respectivo processo judicial. Sendo contatados com antecedência para explicação do projeto de pesquisa e aceitação (ou não) da participação no estudo, resguardado os trâmites éticos da pesquisa com a pessoa humana.

Foi realizada entrevista semiestruturada, de modo individual com os participantes, por meio do roteiro de entrevista com os seguintes temas disparadores: processo de adoção; primeiras experiências com o novo membro da família; desenvolvimento da criança; constituição da nova família. As entrevistas foram realizadas em uma sala de atendimento clínico em Psicologia e foram gravadas para posterior análise do material visando resguardar o sigilo das informações produzidas. Considerou-se um casal que eram pais adotivos de uma criança com deficiência. A produção da pesquisa ocorreu no mês de setembro de 2019.

Este trabalho encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa intitulado: *“Adoção sob a perspectiva de pais adotivos”*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Alagoas com parecer nº 3.517.257/2019 e CAAE: 16666219.2.0000.5013. Foram assegurados os seguimentos dos preceitos éticos elencados para a pesquisa com seres humanos, respeitando as condicionalidades postas pelo referido comitê, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e sigilo de informações, inclusive ao uso de nomes fictícios.

As informações utilizadas em toda a pesquisa tiveram preservação do anonimato. Os participantes da pesquisa, caso necessitassem durante ou após a realização deste trabalho, de apoio médico ou psicoterapêutico, poderiam contar com apoio do Centro de Referência Integrado em Saúde da cidade de realização do trabalho. Assegurou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após sua explicação.

Para sistematização dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo⁷ com categorias analíticas e empíricas/temáticas.

RESULTADOS

O caso em análise retrata a história familiar de (Pessoa 1 - P1) Bianca (23 anos) e (Pessoa 2 - P2) João (25 anos) pais do Emanuel (Pessoa com Deficiência, 6 anos). A escolha do casal pela adoção esteve vinculada a problemas de saúde de Bianca, a qual apresentava dificuldade com a pressão arterial condição que poderia vir a colocar sua vida em risco ao gerar filhos. Foi pela parceria com João que encontrou firmeza e disponibilidade na opção de constituição familiar por meio da adoção. Além do estímulo de ter, em suas famílias extensas, a presença de outros familiares adotivos. Emanuel foi adotado com 4 anos e 6 meses e estava institucionalizado antes, em município diferente do domicílio dos pais adotivos.

Na categorização construí-se as seguintes categorias: analítica: as “*experiências de pais adotivos*” e as empíricas/temáticas: “*Processo de adoção*”, “*A história pregressa de Emanuel e a chegada no novo ambiente*”, e “*A experiência de ser pai/mãe de uma criança com deficiência*”.

Bianca relatou sempre pensar ter um filho, independente do modo que ele viesse, fosse por adoção ou gravidez. João expressou que o desejo pela adoção nasceu, pelo casal, não apenas pela condição de saúde de Bianca, mas por ele ter auxiliado na educação de uma prima/irmã adotiva que significou em sua vida e o fez entender a adoção como um ato de amor. A adoção de Emanuel ocorreu entre os anos de 2017 w 2018, por meio de processo judicial transitado em julgado.

Durante o curso do processo, a família do Emanuel expôs que, inicialmente, tinha assinalado na entrevista para inscrição no Sistema Nacional de Adoção (SNA) - antigo Cadastro Nacional de Adoção (CNA) - desejar uma criança com deficiência. Entretanto, ao refletir sobre possíveis dificuldades que a decisão poderia acarretar, resolveram solicitar a retirada do tópico pessoa com deficiência, da inscrição. No entanto, Bianca ao se inserir em um grupo virtual composto por pretendentes a adoção e equipe técnica do poder judiciário, recebeu fotos do Emanuel, ainda quando institucionalizado, e sabendo de sua existência assinalou novamente, no SNA, a aceitação de criança com deficiência e solicitou a equipe técnica que, caso estivesse em sua vez na ordem classificatória de pais pretendentes, desejassem adotá-lo. Segundo os entrevistados, a mudança ocorreu no aumento de idade; reinserção de pessoa com deficiência e abrangência a outras cidades, para viabilizar a adoção do Emanuel. Bianca expressa:

(...) o meu desejo de ser mãe era tão forte que eu não me conformava em ficar esperando parada, sem saber como estava correndo o processo, eu ia sempre em busca. Tanto é, que eu fuzei na internet e achei o número de uma pessoa que era coordenador de um abrigo em Maceió, ele viu meu desejo e falou 'Bianca, vou colocar você em grupo de juízes, psicólogos e outros pais que estão aí procurando seus filhos... Vou te colocar nesse grupo!' Quando ele me

colocou, eu nem esperava! Passaram uns três meses e eu sempre vendo crianças nesses grupos... (P1)

No que tange ao tempo de espera, afirma, ainda que:

(...) É complicado! Existe uma burocracia necessária, mas que boa parte dela poderia ser amenizada. O que eu senti no meu caso, né? É... a gente fez todo o processo, ficaram 7 meses depois que a gente entrou. Acho que tudo durou um ano e um pouquinho. A gente achou que por ser adoção de pessoa especial seria mais rápido, e pelo menos lá no interior, a gente se sentiu mais bem acolhido do que na nossa real comarca. Eu acho que por lá pegar menos caso, dá pra dar um apoio maior, né? Do que aqui, aqui a gente não se sentiu à vontade. Acho que, por eu não me fechar as dificuldades que aqui tem, eu decidi expandir! (P1).

Para João, a experiência também contou com a dificuldade frente o atendimento, na Vara da Infância e Juventude:

Foi difícil, não foi fácil não. Geralmente íamos pedir informação, ia procurar saber como estava nosso processo e tudo e se não fosse pelo pessoal do cartório. Porque, se fosse dele mesmo... (...) lá na outra cidade, nós foi bem recebido, bem acolhido mesmo; totalmente diferente daqui, eu achei que ia ser o contrário, por eu ser de outra comarca. Isso foi o que nos alegrou mais, a continuar, pois o pessoal nos acolheu mesmo (P2).

No âmbito da história pregressa à adoção os entrevistados informaram que Emanuel foi vítima de muitas violências (por parte da família natural) que geraram deficiência física e cognitiva. Conta Bianca (mãe do Emanuel):

(...) o Emanuel quando tinha 9 meses, ele sofreu agressões, a genitora não alega que foram agressões, mas tem laudos do IML, pois ele foi encontrado – até onde sei - por uma agente de saúde, ela encontrou ele sangrando e pegou ele mesmo sem a autorização de ninguém e levou para o hospital, foi quando ele já ficou internado porque pelos exames viram que já tinha costelinha trincada, outra já em calcificação, então viram que os ferimentos da agressão eram diferentes. Ele tava com a síndrome do bebê sacudido, ele já estava com traumatismo craniano, paralisia, ele já não tinha mais força de se alimentar pela boca, teve que colocar sonda; estava bem desnutrido, cartilagem quebrada das orelhas, boca rasgada, nariz também. Então, tudo isso que ele passou... um monte de problema de saúde, com crises de ausência, devido as agressões (P1)

Uma história marcada por agressões físicas e emocionais. Diante desse contexto, os pais de Emanuel apresentaram conteúdos de raiva e insatisfação para com os familiares biológicos do filho. A violência intrafamiliar sofrida pela criança acarretou graves consequências sendo uma delas mais visível: a deficiência física. Bianca demonstrou incômodo com esse conteúdo, pois - até o momento da entrevista - ocorria de serem, inclusive, julgados como autores dos atos de violência. Observa-se, no relato de Bianca, que apesar dos sentimentos negativos para com os agressores, a importância de saber sobre a história de vida de Emanuel a oportunizou entender quais os manejos necessários para lidar com seu filho. Além disso, Bianca acrescentou que:

(...) quem cuida mais do Emanuel é o pai, tanto por ele ter mais apego ao pai. E eu já sabia disso, porque as

psicólogas já haviam falado. 'Bianca, ele vai ter mais apego ao pai, porque o genitor tinha mais afeto por ele. E, para ele ter uma questão de se apegar a você, vai ser mais difícil' (...) mas eu sou feliz, por que eu sabia que tudo que ele sofreu foi por parte da genitora, né? Então, pra ele se apegar a mim... ele me chamava, inicialmente, de tia! O pai não! O pai ele chamou desde o primeiro dia de "Pai". E, pra mim os três meses iniciais foram três meses muito doloridos, por que o que eu mais queria era ver ele me chamar de "Mãe", né? Porque a gente saía pra os lugares e eu ficava constrangida, porque parecia que eu era madrasta, e eu não queria isso! Ao pai ele dizia: 'Pa...papai!' e a mim: 'Oh, tia!' Aí era uma facada no meu coração, mas hoje não, ele fala, 'Mamãe', mas mesmo assim o apego dele ainda é maior com pai. Ele se sente mais seguro, até quando ele tá doente! Esses dias ele passou a madrugada no hospital, vomitando muito, mas mesmo assim... ele corria e queria ficar com o pai... dando a mãozinha pro pai. Meu coração dói, eu fico logo angustiada ao ver ele doente, daí ele sente mais firmeza no pai. E, o pai cuida dele muito bem! Para dar banho, para dar água, pra levar pra fisioterapia, vão sozinhos os dois, eles são muito apegados (P1).

Sobre o momento histórico da vida do Emanuel, a partir da chegada na família de Bianca e João, o casal relatou que, em decorrência das violências sofridas, seu filho contava com uma rotina regrada de consultas médicas, uso de fármacos e participação em centro de reabilitação para pessoas com deficiência, entretanto afirma que, naquele momento, por meio da formação do vínculo e do amor, a criança tem demonstrava desenvolver-se. Bianca expressa:

(...) muito médico, fisioterapia, né? Os remédios que ele tinha que tomar todos os dias e uma série de exames, e tudo mais! Fora assim, que era só em casa... Emanuel não saía, não queria muito contato com ninguém. Muito na dele! Só que agora é assim: Emanuel não toma mais remédios, Emanuel vai dormir todas as noites: 2; 3h da manhã, de tanta energia que Emanuel tem! (risos) Pula, minha filha! Brinca! Estuda! Corre! Quando a gente conheceu ele, ele só tinha 3 meses que estava andando, pois ele não andava... ele veio andar já prestes aos 5 anos, que foi na idade em que a gente conheceu ele. Ele agora está totalmente diferente, é muita energia pra uma criança só! Apesar de ele ainda ter as fases dele, de ter as crises dele em não querer ir a lugares muito cheios, ele mudou completamente! (P1).

Bianca relata que o processo de adaptação do Emanuel na nova família pós período de institucionalização, gerou angústia:

(...) ele costumava dormir às 18h. Então, se a gente precisasse ir pra festa ou qualquer coisa, a gente não podia ir, porque ele não ficava, ele chorava e agia feito uma criança autista... ele não falava o que queria, ele apontava. Daí ele apontava pra cama e levávamos até a cama. Doeu muito a primeira dormida, por que na minha cabeça quando eu tivesse meu filho, eu ia ninar ele, balançar ele até ele dormir, mas o Emanuel não gostava de contato físico... precisava deitar ele, desligar a luz e ele se balançar sozinho, por que é a rotina de lá, né? Não tinha tantos braços, tantas tias que pudesse cuidar de tantas crianças. Daí, colocava ele no berço, desligava a luz e ele se balançava sozinho e até hoje ele se nina sozinho, coloca o dedo na boca e se balança de um lado pra o outro. Eu me assustei... Porque de repente uma criança que não gosta de ser ninada, luz apagada e fica de um lado pro outro 'an, an, an'... eu fiquei meio assim... Mas aí o tempo foi passando e a gente foi se adaptando (P1).

João, pai do Emanuel, dá significado a esse processo afirmando:

Nós tivemos a oportunidade de ter uma criança normal, assim, quando falo normal é de não ter dificuldade de nada.

E eu tinha dificuldade com isso, da parte dela não, mas da minha parte sim. Preciso ser realista, né? Mas ao me ver, ele me chamou logo de pai e tudo (P2).

E sobre os desafios sociais, explicam que:

(...) o Emanuel usa órteses, uma na mão e outras duas nos pés, quando ando com ele as pessoas falam 'Oh! Tá vendo? Tem mãe que não tem cuidado e o filho quebra o braço, mas não é que ele quebrou o braço, é que ele usa! (...) Quando as pessoas julgam, dá aquele sentimento assim... de raiva com tristeza em ouvir certas coisas, mas compensa quando a gente olha pra ele, e a gente sabe como é nossa vida real, né? (P1).

Os pais acreditavam que por Emanuel ter chegado ao convívio deles com quatro anos, já havia uma noção da constituição familiar, pois observaram em sua fala, assim como relataram que reforçavam na construção de afeto com a criança, o entendimento de que eles são seus “pais do coração” (SIC). Para João, a revelação se dará:

(...) conforme ele for crescendo. O convívio que a gente tem com ele, é como uma criança normal, como se eu tivesse com meu pai. Quando ele for crescer, vamos falar, se for o caso, a gente vai sentar, mostrar que ele tem uma irmã. Se ele quiser conhecer, a gente vai entrar em contato com o pessoal de lá e informar que ele tem interesse em conhecer. Até por que não tem como ninguém nos tirar, por que ele é nosso, né? Quando ele crescer a gente vai preparando ele (P2).

DISCUSSÃO

Processo de adoção

Observadas as motivações da chegada de Emanuel na família de Bianca e João, práticas como envio de fotos e vídeos, chamadas de “uberização” e “busca ativa”, são realizadas com crianças em situação de acolhimento que não conseguem ser inseridas em famílias substitutas, em virtude da idade, serem membro de grupos de irmãos, etnia ou problemas de saúde. Essas práticas passam por uma série de críticas visto colocar em xeque a preservação da imagem e privacidade inscritas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁹. E, por isso, a importância do cuidado ao tratar sobre adoção, para que não se incorra no prisma de valorizar exclusivamente a escolha por parte do adulto pretendente e seu desejo em ser mãe/pai, sem visualizar a criança como um sujeito de direitos.

No entanto, ressalta-se que, ainda que o recurso seja objeto de críticas⁹, na presente pesquisa esse dispositivo digital se mostrou importante para que a adoção do Emanuel acontecesse. Visto que, na entrevista de Bianca, ela aponta que foi por meio do vídeo do seu filho que ela buscou meios de conseguir adotá-lo.

Apontado dificuldade por parte de alguns servidores públicos, no caso estudado, reflete-se sobre uma outra pesquisa realizada com servidores do Tribunal de Justiça do Rio de

Janeiro¹⁰ que demonstrou, que os profissionais que lidam com esse tema devem estar capacitados para que possam compreender além da burocracia a existência de expectativas e singularidades envolvidas.

O período de espera em geral é de ansiedade nos pretendentes, já que há um rigor judicial¹¹. E ainda que os pretendentes saibam da existência da lista oficial de espera, a sensação de muitos candidatos é de que poderão ser esquecidos, o que – comumente - os fazem buscar informações por diversas vezes, na instituição judiciária. Portanto, um instrumento que pode minimizar essa vivência são atividades grupais que possibilitem acolhimento durante todo o tempo de espera¹¹.

A história pregressa de Emanuel e a chegada no novo ambiente

Das diversas violências implicantes no desenvolvimento da criança Emanuel, saber a dinâmica inicial da vida da criança é importante para os pais adotivos, visto que, o fará compreender quais tipos de cuidados deverão ter para com o infante, pois alguns apresentarão necessidade comuns a todas as crianças e outros podem necessitar de tratamentos em saúde mais prolongados¹².

De acordo com o casal, as agressões foram realizadas por parte da genitora e Emanuel apresentava medo de figuras femininas e aproximação imediata de figuras masculinas, observada situação com seu pai (João), que relatou a demora da criança em chamar Bianca de mãe. Compreende-se que essa reação de Emanuel, a situação, ocorreu como resquício das violências sofridas. Sendo uma informação importante para o casal, para que esses pudessem lidar com as demandas que Emanuel apresentasse e respeito ao seu espaço e tempo no processo de constituição de vínculo com a mãe.

No contexto de Bianca, o *amparo, apoio e dedicação* foi potência para criação do vínculo na adoção¹³. Para isso, é recomendável que o primeiro passo a ser dado seja pensar a história originária da pessoa adotada como essencial, de modo que se preze por não negligenciar esse conteúdo¹⁴, visto que, a criança ter sua história de vida respeitada constrói em si sentimento de pertencimento, no novo contexto familiar¹⁵. Nessa perspectiva, os adotantes precisam praticar a renúncia a si mesmo visando o cuidado para com a criança de modo afetuoso¹⁶.

Entende-se na fala de Bianca sua disponibilidade em auxiliar Emanuel, por meio de cuidado a atenção as necessidades que esse apresenta. Denominando-se como “preocupação materna primária”¹⁷, esse processo, reflete a circunstância em que a mãe passa a arranjar modos de manejar seu contato com o bebê e adaptar-se ativamente ao suprimento das necessidades desse, de modo que, essa experiência seja capaz de auxiliá-lo no

desenvolvimento do ego e no domínio sobre os próprios impulsos, posto que a mãe ao desenvolver essa preocupação, a partir de um modo simbiótico, identifica-se com o seu filho e, para além das necessidades físicas, também auxilia nas necessidades afetivas e de vínculo com essa criança.

Nesse sentido, observa-se que Bianca, ao relatar os cuidados dispensados a Emanuel, parecia vivenciar o estado emocional descrito por Winnicott¹⁷, ao compreender suas necessidades, suprindo-as e lidando com as dificuldades, do seu bebê, como uma mãe suficientemente boa. No entanto, para que a mãe consiga desempenhar seu papel, precisa de um ambiente que lhe dê suporte¹⁷. Abrangendo-se, assim, a importante participação dos demais membros familiares como auxiliares no cuidado com a criança.

No processo de adaptação há particularidades frente ao acolhimento institucional, que no caso de Emanuel, houve demandas específicas da sua história de vida e impactos psicológicos e físicos decorrentes das violências sofridas. Entende-se que as instituições de acolhimento diferem, consideravelmente, do ambiente familiar, posto que nesses espaços os profissionais precisam dispor de atenção coletiva para com o grupo de crianças acolhidas, tornando necessário o uso de práticas rotineiras e institucionalizadas¹⁸.

Na fala de Bianca, desde o princípio, sua disponibilidade em desenvolver a preocupação materna primária, por meio das adaptações as necessidades que seu filho apresentava, construiu-se um laço afetivo que proporcionasse segurança e acolhimento ao que emerge na relação com sua criança que experienciou, em sua história pregressa, situações de violência¹⁹.

A experiência de ser pai/mãe de uma criança com deficiência

A filiação adotiva ocorre durante o dia a dia, nas formas de expressão e interação com a pessoa adotada. Com o auxílio dos adotantes em renunciar a si mesmo, é preciso estarem abertos ao cuidado para com a criança que chega, escutando-a e compreendendo suas angústias¹⁶. Assim ocorreu com João (pai do Emanuel) que, inicialmente, não se sentia preparado para exercer cuidados com seu filho por esse ser uma pessoa com deficiência. Acreditava que iria demandar cuidados, aos quais ele não estaria preparado para suprir. Entretanto, após o primeiro contato com Emanuel e ouvi-lo o chamando de pai, explana ter ressignificado e abrir-se à experiência.

Analisa-se que a adoção auxiliou João a compreender sua dificuldade, mas sua abertura em conviver com Emanuel foi fundamental para que apenas através da experiência diária fosse possível, a ele, compreender o que, de fato, é lidar com uma pessoa com deficiência.

Salienta-se que, a adoção é um processo que auxilia não apenas a criança, mas os pais em seu processo de identificação e esclarecimento sobre sua própria história. Condição que oportunizou a criação de um espaço de cuidado, transformação e promoção de desenvolvimento não apenas a quem se adota, mas a todos os membros envolvidos no processo, mediante a construção de laços afetivos¹⁹.

Apesar da abertura de João, visualiza-se que ele reafirma seu temor aos possíveis desafios que Emanuel pudesse o fazer vivenciar. Nesse sentido, entende-se que, *ser deficiente* está intrínseco a experiência de todos implicados no processo de adoção, desde o processo judicial ao convívio familiar. Entretanto, é apenas a partir do convívio, que se é possível ter acesso aos cuidados que serão necessários para com o filho adotivo⁶.

Portanto, é necessário que os adotantes desenvolvam a habilidade do cuidado parental e ciência sobre a deficiência que o adotado apresenta, buscando perceber as demandas que forem apresentadas e supri-las²⁰.

O desenvolvimento de crianças que sofreram violências, precisa contar com pais emocionalmente envolvidos para proporcionar um ambiente seguro e estável, que dê suporte às necessidades físicas, emocionais e psicológicas, que emergirem²¹. A disponibilidade emocional e afetiva de João também é vista nos relatos de Bianca, como também, os cuidados que ela dispõe para com Emanuel, que representam um modo de cuidado orientado a compreender as necessidades da criança, como uma mãe suficientemente boa, visando supri-las e desempenhar acolhimento frente às dificuldades que emergirem¹⁷. Contudo, reafirma-se que para que a mãe-ambiente possa compreender seu filho e identificar suas necessidades, acolhendo e manejando cuidadosamente as demandas que ele apresenta, precisa de um ambiente que lhe dê suporte¹⁷.

A família oferece um ambiente, na qual a criança poderá ter suas necessidades supridas e obtenção de um alicerce para seu amadurecimento físico e emocional. O ambiente é fundamental no processo de constituição do sujeito, posto que no início da vida, os bebês dependem absolutamente do outro para satisfazer suas necessidades física, psíquica e emocional¹⁷.

E, no decorrer do amadurecimento, a família exerce a continuidade e sustentação a essas necessidades. Assim sendo, a família se mostra relevante aos cuidados com a mãe-ambiente e com a criança que, inicialmente, tem contato inicial com os pais, mas, gradualmente, passa a envolver os demais membros familiares¹⁷. Salienta-se que família, em Winnicott, são todas as pessoas que adquirem parentesco ao se disponibilizarem em prestar assistência especial as necessidades da criança, auxiliando-a no desenvolvimento da

independência e tolerando rebeldias que possam surgir¹⁷.

Ainda na proposta de cuidado por Winnicott¹⁷, torna-se necessário refletir sobre os impactos sociais envoltos a essa dinâmica, que demandam ainda mais esforços dos membros no cuidado com Emanuel, por sê-lo pessoa com deficiência, de modo singular, as estigmatizações e preconceitos aparecem. No âmbito da adoção, crianças e adolescentes com deficiência são vítimas de uma nova violência ao serem pouco mencionadas nos cadastros de pretendentes a adoção²².

Estudo aponta pelos relatos de pais, que estes entende-se que não há diferença entre os cuidados necessários e a responsabilidade que os adultos precisam ter com todas as crianças, assim como a importância do cuidar com afeto, carinho, sorrisos e momentos marcados pela reciprocidade entre os pais e filhos⁶.

Sobre revelar a adoção, visualizou-se que, ainda que haja preocupação em revelar a história da adoção para Emanuel, os pais apresentaram medo de que esse seja retirado deles ao tocarem nesse tema, como também, acreditam que Emanuel já sabe, de alguma maneira, sobre sua adoção. Nesse sentido, entende-se que os pais tratem sobre a adoção para com seus filhos pode ser um dos temas mais perturbadores, pois esse conteúdo se vincula a uma desvalidação a solidez dos vínculos. Assim, este conteúdo precisa ser elaborado junto a profissionais que auxiliem na ressignificação do que incomoda os pais, de modo que, a história da criança não seja entendida como um fantasma persecutório¹¹.

CONCLUSÃO

A impossibilidade de gerar filhos biológicos, assim como as histórias de adoção na família extensa motivaram o casal, Bianca e João, a adotar. A opção de adoção de pessoa com deficiência, desde o início foi declarada pelos pretendentes no Sistema Nacional de Adoção mesmo diante de medos e receios. O procedimento Busca Ativa (práticas como envio de fotos e vídeos para grupos de adoção) foi o meio potencializador na vontade do casal pela adoção de Emanuel, demonstrando, neste caso que o referido procedimento pode ser eficaz.

A deficiência do Emanuel revela parte de sua história pregressa. Apesar das normativas brasileiras deixarem claro a criminalização de atos de violência contra criança e adolescentes, a violência intrafamiliar ainda faz parte dos contextos sociais, levando a reflexão sobre como lidar com as sequelas que esses atos resultam, nas crianças e/ou adolescentes que o sofrem. A adoção entra nessa conjuntura como a possibilidade de reconstrução de laços afetivos pelo infante.

O desenvolvimento da deficiência física nasceu como resultado das práticas de

violência as quais Emanuel foi exposto ainda bebê. Os participantes da pesquisa, ainda que verbalizassem inseguranças diante do novo e, inicialmente, desconhecido, estavam disponíveis emocionalmente ao processo de adoção, adaptando-se as necessidades do seu filho e oferecendo uma convivência repleta de cuidado, afeto e carinho.

O processo de adoção, de acordo com os relatos, pôde se configurar em um novo ambiente familiar potente para todos os membros. Contudo, faz-se importante problematizar as circunstâncias sociais que impactaram na possibilidade de ressignificação do casal sobre a condição peculiar de desenvolvimento do Emanuel, e Bianca informou em seus relatos que a disponibilidade temporal para o filho só foi possível por sua atividade autônoma lhe possibilitar trabalhar em casa, assim como, contar com auxílio dos familiares e do esposo em momentos em que se sentia angustiada e/ou cansada, da dinâmica de cuidados para com seu filho. Será que todos os contextos sociais e culturais têm essa possibilidade? A reflexão sobre a dinâmica familiar e auxílio nos cuidados ao infante que chega é de relevância para pensar um desenvolvimento infantil e familiar potente.

Outra problemática se mostrou como relevante para reflexão, os preconceitos apontados pelos pais (Bianca e João), no que tange a serem vistos por vezes como “salvadores” do Emanuel, por esse ser pessoa com deficiência ou serem apontados como possíveis agressores da deficiência física que ele apresentava. Ao ouvir o casal, sente-se a angústia desses em justificar-se como não agressores e/ou heróis na história do Emanuel e a busca de serem vistos como pais de um filho sem ressalvas, por parte de terceiros.

A história pregressa do Emanuel carrega em si violências que impactaram em seu desenvolvimento, mas ter contado com o apoio de Bianca e João motivou uma série de avanços vistos pelos pais no dia a dia com a criança. Os pais expressaram que antes da chegada do Emanuel sentiam-se angustiados em relação as mudanças que teriam de dispensar, em prol das especificidades da criança.

Entretanto, após o convívio com o filho e observado os avanços cognitivos e emocionais, sentiam-se gratificados por tudo que precisou ser modificado em prol da saúde do infante. Além de se sentirem agraciados pelo acolhimento que Emanuel demonstrava quando os significava como pais. Para o casal, perceber o desenvolvimento da autonomia de Emanuel, deixava-os seguros em relação ao futuro da criança.

Este trabalho teve como limitações: ser realizado apenas com um casal heterossexual; não participação da criança adotada. Por outro lado, os dados aqui apresentados podem fomentar a importância de novas pesquisas que tratem sobre o tema para que se possa elaborar intervenções e técnicas que auxiliem nas demandas que permeiam a adoção da

pessoa com deficiência conforme suas peculiaridades de modo que espaços de cuidado, ética, afeto e suporte sejam disponibilizados como auxiliares a todos que experienciam o processo.

REFERÊNCIAS

1. Paiva LD. Adoção: significados e possibilidade. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo; 2004. 180 p.
2. Maux AAB, Dutra E. A adoção no Brasil: algumas reflexões. Estud Pesqui Psicol. [Internet]. 2010 [citado em 11 maio 2020]; 10(2):356-72. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n2/v10n2a05.pdf>
3. Oliveira T. Adoção de crianças com deficiência: perspectivas de pais adotantes e pretendentes à adoção [Internet]. [dissertação]. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. 2020 [citado em 11 maio 2020]. 163 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191809>
4. Lima GH, Araújo LJMC, Stein JRF. Avanços nas políticas públicas de inclusão social no ordenamento jurídico brasileiro: o estatuto da pessoa com deficiência. Revista Juris UniToledo [Internet]. 2018 [citado em 11 maio 2020]; 3(1):130-43. Disponível em: <http://www.ojs.toledo.br/index.php/direito/article/download/2730/254>
5. Mozzi G, Nuernberg AH. Adoção de crianças com deficiência: um estudo com pais e mães adotantes. Paidéia (Ribeirão Preto): Cadernos de Psicologia e Educação [Internet]. 2010 [citado em 24 jun 2019]; 32(1):101-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/74p7Z3XPMjSrHjsrM76nsYP/?format=pdf&lang=en>
6. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2016. 108 p.
7. Yin RK. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre, RS: Bookman; 2014. 205 p.
8. Nakamura CR. Criança e adolescente: sujeito ou objeto da adoção?: reflexões sobre menorismo e proteção integral. Serv Soc Soc. [Internet]. 2019 [citado em 11 maio 2020]; 134(1):179-97. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/pDJGXrmCnrhJTRZxS5TbKNr/?lang=pt>
9. Filho RAC, Rinaldi A. A “homoafetividade” no cenário adotivo: um debate antropológico. Mediações: Revista de Ciências Sociais [Internet]. 2015 [citado em 11 maio 2020]; 27(1):19-52. Disponível em: https://www.alessandrarinaldi.com.br/wp-content/uploads/2018/10/a_homoafetividade.pdf
10. Huber MZ, Siqueira AC. Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. Psicol Teor Prát [Internet]. 2010 [citado em 7 maio 2020]; 12(2):200-16. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v12n2/v12n2a14.pdf>
11. Winnicott DW. Duas crianças adotadas. Porto Alegre, RS: Artmed; 2008. Pensando sobre crianças. p. 115-25.
12. Fernandes MB, Santos DK. Sentidos atribuídos por pais adotivos acerca da adoção tardia e da construção de vínculos parento-filiais. Nova Perspect Sist. [Internet]. 2019 [citado em 11 maio 2020]; 63(1):67-88. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v28n63/v28n63a06.pdf>
13. Albuquerque CMM. O processo de filiação de crianças maiores aos pais adotivos [Internet]. [dissertação]. Recife, PE: Universidade Católica de Pernambuco; 2016 [citado em 10 dez 2019]. 116 p. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/243>
14. Combier CV, Binkowski G. Adoção e mito: os destinos do “mito familiar” na cena contemporânea a partir de um caso clínico de adoção na França atual. Ágora (Rio J Online) [Internet]. 2017 [citado em 10 dez 2019]; 20(1):159-72. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/xJkHdQqVwWzfYTRYPXRYv9F/?format=pdf&lang=pt>
15. Dantas FSS, Ferreira SPA. Adoção tardia: produção de sentidos acerca da paternagem e filiação em uma família homoafetiva. Temas Psicol. [Internet]. 2015 [citado em 13 abr 2019]; 23(3):593-606. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a06.pdf>
16. Winnicott DW. Família e maturidade emocional. São Paulo: Martins Fontes; 2005. A família e o desenvolvimento individual. p. 129-140.

17. Jung RO. A hora de dormir: o acalanto com crianças em acolhimento institucional e seus desdobramentos [Internet]. [Monografia]. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015 [citado em 13 abr 2019]. 29 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/138309>
18. Otuka LK, Scorsolini-Comin F, Santos MA. Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicol Teor Pesqui.* [Internet]. 2012 [citado em 26 jul 2019]; 28(1):55-63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/07.pdf>
19. Silva FHOB, Cavalcante LIC. Rotinas familiares de crianças com necessidades especiais em família adotiva. *Psicol Teor Pesqui.* [Internet]. 2015 [citado em 21 abr 2019]; 31(2):173-80. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ptp/v31n2/0102-3772-ptp-31-02-0173.pdf
20. Winnicott DW, Britton C. Tratamento em regime residencial para crianças difíceis. In: Winnicott DW. *Privação e delinquência*. São Paulo, SP: Martins Fontes; 1987. p. 59-80.
21. Ayala SC, Carrijo AF, Casadei GM, Garcia SK, Minardi MZ, Silva GCG, et al. Adoção tardia: o real contexto de adotantes e adotados. *Revista Eletrônica FAEF* [Internet]. 2014 [citado em 26 abr 2020]; 1(1):1-7. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/NSt5lqOoz7sc4eO_2_014-4-16-06-59.pdf

Editor Associado: Rafael Gomes Ditterich

Conflito de Interesses: os autores declararam que não há conflito de interesses.

CONTRIBUIÇÕES

Alinne Ferreira da Silva contribuiu na concepção, coleta e análise dos dados, redação e revisão. **Paula Orchiucci Miura** participou da redação e revisão.

Como citar este artigo (Vancouver)

Silva AF, Miura PO. Adoção de pessoa com deficiência sob a ótica de pais adotivos. *Rev Fam, Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.* [Internet]. 2023 [citado em *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 11(1):e6413. Disponível em: *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

Como citar este artigo (ABNT)

SILVA, A. F.; MIURA, P. O. Adoção de pessoa com deficiência sob a ótica de pais adotivos. **Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.**, Uberaba, MG, v. 11, n. 1, p. e6413, 2023. DOI: *inserir link do DOI*. Disponível em: *inserir link de acesso*. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*.

Como citar este artigo (APA)

Silva, A.F., & Miura, P.O. (2023). Adoção de pessoa com deficiência sob a ótica de pais adotivos. *Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.*, 11(1). Recuperado em *inserir dia, mês e ano de acesso* de *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons